

ISSN: 0874-9671

anais de história de além-mar

anais de  
história de  
além-mar

VI

VI  
2005

ANO 2005

CENTRO DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA



CHAM

## ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

**Periodicidade** Anual

**Apoio** **FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DO ENSINO SUPERIOR

Portugal

Apoio do Programa Operacional Ciência, Tecnologia,  
Inovação do Quadro Comunitário de Apoio III

**Direcção** João Paulo de Oliveira e Costa

**Conselho Editorial** Artur Teodoro de Matos; Luís Filipe Thomaz; Ana Isabel Buescu; Maria do Rosário Pimentel; João Paulo Oliveira e Costa; Ângela Domingues; Pedro Cardim; Jorge Flores

**Secretária** Ângela Domingues

**Edição, propriedade, assinaturas e divulgação:** Centro de História de Além-Mar  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade Nova de Lisboa  
Av. de Berna, 26-C  
1069-061 Lisboa  
cham@fcs.h.unl.pt

**Preço deste número:** 30 €

**Capa:** Patrícia Proença

**Tiragem:** 1.000 ex.

**ISSN:** 0874-9671

**Depósito Legal:** 162657/01

**Composição e impressão:** Barbosa & Xavier Lda.  
Rua Gabriel Pereira de Castro, 31 A-C  
Telefs. 253 263 063 / 253 618 916 • Fax 253 615 350  
4700-385 Braga

Articles appearing in this journal are abstracted and indexed in  
HISTORICAL ABSTRACTS and AMERICA: HISTORY AND LIFE

*Anais de História  
de Além-Mar*

# ÍNDICE

NOTA PRÉVIA .....	5
-------------------	---

## ARTIGOS

MORTOS – «TIDOS POR VIVOS»: O TRIBUNAL RÉGIO E A CAPACIDADE SUCES- SÓRIA DAS «ALMAS EM GLÓRIA» (CAMPANHAS NORTE-AFRICANAS, 1472- -C. 1542), Maria de Lurdes Losa .....	9
FERNÃO DE QUEIRÓS: HISTORY AND THEOLOGY, Alan Strathern .....	47
ALFONSO SÁNCHEZ E A SUA TRADUÇÃO LATINA DA <i>PEREGRINAÇAM</i> DE FERNÃO MENDES PINTO. <i>Contexto literário e interesse pelo Oriente na génese de um manuscrito seiscentista</i> , Francisco Roque de Oliveira .....	89
L'INVENTION DU BRÉSIL ENTRE DEUX MONARCHIES. L'AMÉRIQUE PORTU- GAISE ET L'UNION IBÉRIQUE (1580-1640): UN ÉTAT DE LA QUESTION, Guida Marques .....	109
OS DOCES NA CULINÁRIA LUSO-BRASILEIRA: DA COZINHA DOS CONVENTOS À COZINHA DA «CASA BRASILEIRA» SÉCULOS XVII A XIX, Leila Mezan Algranti..	139
AS PRIMEIRAS VIAGENS INGLESAS A MACAU 1635-1699, Rogério Miguel Puga .....	159
REIS, PRÍNCIPES E VARÕES INSIGNES NA COLEÇÃO BARBOSA MACHADO, Rodrigo Bentes Monteiro.....	215
CENSURA E PROSA DE FICÇÃO: PERSPECTIVAS DISTINTAS DE INSTRUIR, DIVER- TIR E EDIFICAR?, Luiz Carlos Villalta .....	253
ILUSTRAÇÃO E PATRONAGEM. ESTRATÉGIAS DE ASCENSÃO SOCIAL NO IMPÉRIO PORTUGUÊS, Ronald Raminelli .....	297
INDIANISMO E INDIGENISMO NA ACADEMIA BRASÍLICA DOS RENASCIDOS, SALVADOR/BAHIA 1759, Íris Kantor .....	327

ARTHUR PHILLIP DEFENSOR DE COLÓNIA, GOVERNADOR DE NOVA GALES DO SUL, Robert J. King .....	339
TRAITES IBÉRIQUES ENTRE MÉDITERRANÉE ET ATLANTIQUE: LE NOIR AU CŒUR DES EMPIRES MODERNES ET DE LA PREMIÈRE MONDIALISATION (ca. 1435-1550), António de Almeida Mendes .....	351
RECENSÕES .....	389
NOTÍCIAS .....	409
RESUMOS / ABSTRACTS .....	441

# ALFONSO SÁNCHEZ E A SUA TRADUÇÃO LATINA DA *PEREGRINAÇÃO* DE FERNÃO MENDES PINTO

## Contexto literário e interesse pelo Oriente na génese de um manuscrito seiscentista

por

FRANCISCO ROQUE DE OLIVEIRA <sup>1</sup>

### Barcelona, 1964-2003

Quando se deslocou a Roma, em 1964, tendo em vista preparar para a Hakluyt Society uma nova edição inglesa da *Peregrinação* que infelizmente acabaria por nunca vir a lume, Francis M. Rogers recolheu do padre Georg Schurhammer (1891-1971), notável biógrafo de Francisco Xavier, a notícia da existência de uma tradução latina da obra-prima de Fernão Mendes Pinto assinada por um jesuíta de nome Alfonso Sánchez. Tal como Schurhammer então indicou àquele antigo professor de Língua e Literatura Românicas na Universidade de Harvard, caso houvesse sobrevivido à Guerra Civil, o respectivo original deveria conservar-se no Arquivo do Colégio Jesuíta de Sant Cugat del Vallès, próximo de Barcelona. O padre Schurhammer acrescentava tratar-se de um original do século XVI e que o mesmo estivera na origem de uma moderna cópia manuscrita arquivada no Institutum Historicum Societatis Iesu, em Roma, com o título:

Ex opere manuscripto cujus titulus: ||  
«Alfonsi Sanctii || Historiae Orientalis ||  
Anacephalaeosis. || «Ex peregrinationibus  
Ferdinandi Mendez || «Pinti, Orientis  
incognita multa || «complectens.» <sup>2</sup>

Francis Rogers verificou de imediato que esta última cópia consistia em vinte e duas folhas numeradas e escritas em apenas um dos lados. Transcreviam-se aí os capítulos 92 a 96 do manuscrito latino primitivo, conteúdo

<sup>1</sup> Centro de História de Além-Mar, Universidade Nova de Lisboa. Bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

<sup>2</sup> Francis M. ROGERS, «The Manuscript Latin Translation of Mendes Pinto's *Peregrinação*», in *Homenaje a Rodríguez-Moñino – Estudios de erudición que le ofrecen sus amigos o discípulos hispanistas norteamericanos*, vol. 2, Madrid, Editorial Castalia, s/d. [1966], cit. p. 146.

correspondente aos capítulos 200 a 219 da primeira edição da *Peregrinação* (Lisboa, 1614). Na mesma ocasião, Schurhammer sugeriu que se deveria estar perante uma transcrição encomendada no final do século XIX pelo padre Mariano Lecina, S.J., editor do primeiro volume da *Monumenta Xaveriana ex Autographis vel ex Antiquioribus Exemplis Collecta* (Madrid, 1899)<sup>3</sup>. Restava o manuscrito de Sant Cugat, que Rogers analisou pouco depois e do qual deu notícia em 1966, no artigo que estamos a seguir. Consistindo em 150 folhas em formato in-fólio, a maioria das quais escritas na frente e no verso, indiciava ter sido redigido por uma única mão, correções inclusive. Para além de um «Prohemium» (emendado para «Prooemium»), dividia-se em 98 capítulos, numerados de 1 a 100, uma vez que omitia os capítulos 8 e 23. Apesar de tanto a *editio princeps* da *Peregrinação* como a tradução castelhana que Francisco de Herrera Maldonado editou em Madrid, em 1620, com o título *Historia Oriental de las Peregrinaciones de Fernan Mendez Pinto* apresentarem o texto dividido em 226 capítulos, Rogers pôde comprovar que os capítulos deste manuscrito latino cobriam a totalidade da matéria do livro original. No cimo do fólio 1r., constava o seguinte cabeçalho:

Doctoris || ALFONSI SANCTIJ || Historie  
orientalis || ANACEPHALAEOSIS. || Ex  
Peregrinationib[us] Ferdinandi Mendez ||  
Pinti, orientis incognita multa ||  
complectens.<sup>4</sup>

À luz do que então concluiu sobre este segundo e mais antigo manuscrito latino, é compreensível que Rogers se tenha desinteressado de o publicar. Quando seguira na sua pista, o principal propósito do académico norte-americano fora o de confirmar a eventualidade de se poder tratar de um trabalho efectuado sobre o desaparecido manuscrito original da *Peregrinação*. De certo modo, esta hipótese era sustentada pela ideia que vimos que Schurhammer tinha de que o manuscrito de Sant Cugat era quinhentista. Mas para tal também confluía uma quase obscura nota de rodapé inscrita pelo jesuíta Ignatio Torre no texto introdutório à tradução espanhola da história da vida do geral Diego Laínez de Giuseppe Boero, S.J., que editou em Barcelona em 1897. Aí, o padre Torre agradecia ao seu confrade Pablo Pastells (1846-1932), por este lhe ter dado a conhecer o manuscrito latino de Alfonso Sánchez guardado na Catalunha, manuscrito esse de onde acabara por extrair algumas passagens que Mendes Pinto originalmente consagrara a Paulo de Santa Fé, o japonês converso amigo de Francisco Xavier chamado Anjirô. Depois—e em clara sintonia com o que o próprio Pastells viria a escrever na reedição de *Labor evangélica* de Francisco Colín que lhe coube preparar (3 vols., Barcelona, 1900-1902)—, Ignatio Torre afiançava que o manus-

<sup>3</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 146.

<sup>4</sup> *Ver id.*, *ibid.*, pp. 146-148.

critico em questão, além de autógrafo, era «sin duda del siglo XVI»<sup>5</sup>. Como Rogers recorda, no ano de 1934 o renomado orientalista Paul Pelliot (1878-1945) ainda dataria do mesmo modo esse manuscrito latino da *Peregrinação*<sup>6</sup>.

Das duas questões capitais que se cruzavam neste novelo –i.e. cronologia e autoria da *Anacephalaeosis*–, aquela que apontava directamente para a possibilidade temporal da tradução assinada por Alfonso Sánchez ter tido por base o manuscrito original de Fernão Mendes Pinto era, apesar de tudo, a mais fácil de dilucidar. Tal como Rogers logo observou com propriedade, existia uma semelhança flagrante entre o título latino e o título da tradução da *Peregrinação* assinada por Herrera Maldonado. Esta evidência constituía o primeiro sinal de que o trabalho latino fora realizado depois de 1620 e sem aproveitamento do original português. De todo o modo, no manuscrito de Sant Cugat também se tinha essa indicação de um autor chamado «Doutor Alfonso Sánchez», personagem que nem Torre, nem Pastells ou Pelliot haviam confundido, uma vez que fosse, com o célebre quase homónimo Alonso Sánchez, jesuíta enviado da Nova Espanha para Manila no início da década de 1580, onde veio a ser secretário e conselheiro do bispo Domingo de Salazar e onde se destacou como co-proponente de um alucinante projecto para a conquista da China que o próprio tentou expor a Filipe II, no Escorial, entre finais de 1587 e Agosto de 1588<sup>7</sup>. Independentemente do ano por regra assumido como o da morte do padre Sánchez–1593–conceder a margem suficiente para que ele pudesse ter manipulado o texto e apenas o texto legado por Fernão Mendes, o facto é que nada havia no currículo deste jesuíta que indiciasse o tipo de requisitos necessários para a realização deste género de tarefa literária<sup>8</sup>.

Quando se debruçou de forma mais cuidada sobre as provas disponíveis, Rogers pôde confirmar as suas suspeitas com dois dados decisivos. Por um lado, alguns exemplos da caligrafia do padre Alonso Sánchez guardados nos arquivos romanos da Companhia de Jesus não coincidiam com a letra do manuscrito catalão. Por outro, somavam-se as coincidências entre, por exemplo, topónimos e antropónimos empregues neste último manuscrito e

<sup>5</sup> Ignacio TORRE, «Introducción», in Giuseppe BOERO, S.J., *Vida del siervo de Dios Padre Diego Laynez, tercero de los primeros compañeros de San Ingacio de Loyola en la fundacion de la Compañia de Jesús –Escrita en lengua italiana por el P. José Boero Asistente de Italia, traducida notablemente aumentada y enriquecida de copiosos autógrafos por el P. Ignacio Torre ambos de la misma Compañia*, t. I, Barcelona, Imprenta de Francisco Rosal, 1897, cit. p. CI, n. 1. Ver F. M. ROGERS, «The Manuscript»..., p. 145.

<sup>6</sup> Paul PELLIOT, «Un ouvrage sur les premiers temps de Macao», *T'oung Pao*, Leyden, XXXI (1934-1935), p. 65; ref. in F. M. ROGERS, *ibid.*, p. 145.

<sup>7</sup> Ver, *inter alia*, Manel OLLÉ, *La empresa de China –De la Armada Invencible al Galeón de Manila*, Barcelona, Acontilado, 2002, pp. 197-230.

<sup>8</sup> Ver Carlos SOMMERVOGEL, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, t. VII, Bruxelas/Paris, Oscar Schepens/Alphonse Picard, 1896, pp. 520-521; Antonio PALAU Y DULCET, *Manual del Librero Hispanoamericano*, t. XIX, 2.<sup>a</sup> ed., Barcelona, A. Palau y Dulcet, 1967, p. 245, refs. 294032 e 294032-II.

aqueles que Herrera Maldonado empregara em 1620 e que estão distorcidos em relação à grafia da primeira edição portuguesa da *Peregrinação*<sup>9</sup>. Diante disto, acrescentou o óbvio: «I ascertained to my own satisfaction that the Latin is a summary – an anacephalaeosis – of Herrera Maldonado’s Spanish»<sup>10</sup>.

Francis Rogers acabaria por não conseguir precisar qual das edições da tradução do cónego Francisco de Herrera Maldonado fora manuseada pelo doutor Alfonso Sánchez quando produzira a sua anacefaleose ou resumo da *Peregrinação* – se alguma das duas edições divulgadas em Madrid, em 1620, ou se a também madrilena de 1627-1628. De qualquer modo, tal questão é, por certo, a menos fundamental de todas. Importante é que tenha identificado o manuscrito em causa e percebido que se tratava de um exercício de erudição que não só não terá tido qualquer impacto assinalável na época em que foi escrito, como não serve hoje para a reconstituição que todos ambicionaríamos fazer do original legado por Fernão Mendes Pinto<sup>11</sup>.

A relativa esterilidade do exercício de Alfonso Sánchez – síntese latina nunca impressa de uma tradução que, essa sim, teve um impacto decisivo a nível europeu – tanto ajuda a perceber o dito desinteresse de Rogers em o editar, como talvez até a quase completa ausência de referências que lhe foram feitas de 1966 para cá, mormente em Portugal, onde o escrupuloso Francisco Leite de Faria surge como a exceção que confirma a regra<sup>12</sup>. A despeito de tudo isto, sempre nos pareceu que o texto de Sánchez merecia um pouco mais de atenção, quanto mais não fosse pela curiosa circunstância ibérica que o parece ter gerado.

Seguindo os passos dados há cerca de quarenta anos pelo professor de Harvard, em Setembro de 2003 começámos por procurar o antigo manuscrito de Alfonso Sánchez no imponente edifício do Centro Borja, em Sant Cugat, em cuja biblioteca fomos guiados com inexcusável amabilidade pelo padre Antonio Borràs. Nada tendo encontrado aí, prosseguimos o nosso inquérito no Arxiu Històric Companyia de Jesús Catalunya, em Barcelona, para onde acabava de ser trasladada parte considerável do respectivo arquivo. Porque entretanto soubera o que buscávamos, o seu director, padre Jordi Roca, esperava-nos com o desconsoladora notícia de que a primitiva *Anacephalaeosis* de Sánchez desaparecera daquele espólio.

Em contrapartida, o padre Roca deu-nos a ver uma cópia moderna manuscrita, eventualmente contemporânea da de Roma, onde, para além do índice completo dos 98 capítulos que sabemos constavam do original (numeração de 1 a 100, antecedida de prólogo e com os capítulos 8 e 23 omissos), se transcrevem os primeiros 19 capítulos (numeração até ao capítulo 20, continuando a saltar-se o oitavo). Tal conteúdo corresponde a uma versão

<sup>9</sup> Ver F. M. ROGERS, «The Manuscript»..., pp. 145-149.

<sup>10</sup> *Id.*, *ibid.*, cit. pp. 148-149.

<sup>11</sup> Ver *id.*, *ibid.*, pp. 151-152.

<sup>12</sup> Ver Francisco Leite de FARIA, *As muitas edições da «Peregrinação» de Fernão Mendes Pinto*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1992, p. 27.

concentrada do que está nos primeiros 34 capítulos da edição *princeps* da *Peregrinação*, tratando o capítulo 20 da «Nauigatio Ferdinandi Mendez ad Regnum Paon». À frente do número de cada capítulo, o índice especifica, entre parêntesis, a paginação correspondente no manuscrito original. Este novo manuscrito, encadernado, tem a cota *Ms. E.I, a.-2* do AHSIC e é composto por um total de 62 páginas, escritas na frente e no verso. Na página não numerada que serve de rosto, os respectivos título e menção confirmam o que já conhecemos:

Doctoris || ALFONSI SANCTIJ || *Historiæ*  
 orientalis || ANACEPHALÆOSIS. || Ex  
 peregrinationibus Ferdinandi Mendez, ||  
 Pinti, orientis incognita multa ||  
 Complectens

Existem desacertos de pormenor entre estes dizeres e os que surgem, por cima do índice, na página 1. Por exemplo, em vez de *Historiæ* surge *Historie*, enquanto *peregrinationibus* passa a *Peregrinationi*, tal qual no título original revelado por Rogers. Repetem-se discrepâncias deste género entre a escrita dos títulos dos capítulos no índice do manuscrito e a sua indicação no corpo do texto, algo que, além do mais, deixa perceber duas caligrafias diferentes. Depois, logo no início surgem elementos que indiciam que esta cópia incompleta do manuscrito de Sánchez foi realizada por um espanhol ou num âmbito em que castelhano dominava, caso da palavra «Índice» que surge na primeira das folhas e do «Fin del Indice» escrito no final do mesmo. Na edição que preparamos dos dois fragmentos disponíveis desta *Anacephalæosis*, demonstrar-se-á de que forma o latim empregue no caderno de Barcelona aparece contaminado por expressões trazidas do castelhano, facto que nos remete de novo para o contexto espanhol que tanto enquadrou o compendiador do século XVII, como o copista moderno.

## Alfonso Sánchez

Tendo dado notícia do desaparecimento do manuscrito seiscentista da *Anacephalæosis* mendesiana antes guardada em Sant Cugat e do aparecimento de uma nova cópia parcial moderna do mesmo texto, é chegada a altura de acrescentar algumas palavras ao retrato do doutor Alfonso Sánchez que Francis Rogers ofereceu nesse seu tão pouco citado artigo de 1966. Fazê-lo proporcionará também o pretexto para que se inquiram um pouco mais sobre a particularíssima ambiência intelectual que terá suscitado essa algo extravagante recapitulação latina da *Peregrinação*. Talvez não seja excessivo dizer que estamos perante um daqueles casos em que a circunstância exterior é tão ou mais relevante do que o próprio objecto textual.

O pouco, mas essencial, que Rogers averiguou sobre a biografia de Alfonso Sánchez tanto recuperou o que Joaquín de Entrambasaguas anotara

no tomo I dos seus *Estudios sobre Lope de Vega*<sup>13</sup>, como é ligeiramente ampliado pelo que Antonio Palau y Dulcet inscreveu no tomo XIX do *Manual del Librero Hispanoamericano*<sup>14</sup>. Da sobreposição destes três inquéritos, extrai-se estarmos perante o *Maestro y Doctor Alfonso Sánchez de Moratalla*, um murciano que foi raçoeiro da Santa Iglesia Magistral de los Santos Justo y Pastor de Alcalá e catedrático de Hebreu e Grego da respectiva Universidade, na primeira metade do século XVII. Nos seus *Diálogos de apacible entretenimiento* (Barcelona, Sebastián de Cormellas, 1605), Gaspar Lucas Hidalgo põe na boca do interlocutor Gallos o seguinte: «[...] Pues el maestro Sánchez, digo el retórico, el griego, el hebreo, el músico, el médico y el filósofo, el jurista y el humanista [...] tiene una cabeza, que en todas estas ciencias es como Ginebra, en la diversidad de profesiones»<sup>15</sup>. Ainda que estejamos aqui diante de um dos mais acabados exemplos de um género literário que vive do apodo, do equívoco e do jogo lúdico de palavras, ver-se-á que o aparente encómio escrito por Lucas Hidalgo não destoa do que outros, acreditamos que mais sinceros, dedicaram a um homem que chegaria a ter o caldeu entre as várias línguas que tratava com familiaridade<sup>16</sup>.

Além de um *Libellum pro Iuramento Complutensis Academiae circa defensionem Immaculatae Conceptionis Mariae Deiparae* (Alcalá, ex Officina Antonii Duplastre, 1617<sup>17</sup>) – como o título esclarece, texto alusivo ao juramento que a Universidade de Alcalá de Henares se obrigou a fazer em defesa do dogma da Imaculada Conceição –, Alfonso Sánchez veio a publicar em Alcalá o segundo dos três resumos latinos que lhe conhecemos: *Magistri Alfonsi Sanctij Hispani, De Rebus Hispaniae Anacephalæosis Libri Septem. A condita Hispania ad annum 1633* (Alcalá, ex Officina Antonii Duplastre, 1634)<sup>18</sup>. Este título corresponde a um compêndio da famosa *Historiae de rebus Hispaniae*

<sup>13</sup> Joaquín de ENTRAMBASAGUAS, *Estudios sobre Lope de Vega*, t. I, Madrid, C.S.I.C., 1946, pp. 559-571, n. 183.

<sup>14</sup> Ver A. PALAU Y DULCET, *Manual del Librero...*, t. XIX, p. 245, refs. 294033 e 294934.

<sup>15</sup> Gaspar LUCAS HIDALGO, *Diálogos de apacible entretenimiento, que contiene vnas Carnestolendas de Castilla. Diuidido en tres noches, del Domingo, Lunes, y Martes, de Antruexo. Procvra el autor en este libro entretener el lector con varias curiosidades de gusto, materia permitida para recrear penosos cuidados a todo género de gente* [1605], Diálogo I, cap. II, in *Biblioteca de Autores Españoles*, t. XXVI, p. 283; cit. in J. ENTRAMBASAGUAS, *Estudios...*, t. I, p. 571, n. 183.

<sup>16</sup> Ver J. ENTRAMBASAGUAS, *ibid.*, t. I, p. 570, n. 183; Carlos VAILLO, «La novela picaresca y otras formas narrativas», in Francisco RICO (dir.), *Historia Crítica de la Literatura Española*, vol. 3, Barcelona, Editorial Crítica, 1983, p. 457; Máxime CHEVALIER, «La agudeza verbal: conversación y literatura», in F. RICO (dir.), *Historia Crítica de la Literatura Española*, vol. 3/1, Barcelona, Editorial Crítica, 1992, pp. 56-58.

<sup>17</sup> Para uma discussão sobre esta data, veja-se a nota na qual Palau y Dulcet remete o início da actividade de Duplastre para 1622: A. PALAU Y DULCET, *Manual del Librero...*, t. XIX, p. 245, ref. 294033.

<sup>18</sup> *Magistri Alfonsi Sanctij Hispani, De Rebus Hispaniae Anacephalæosis Libri Septem. A condita Hispania ad annum 1633. Ad Clarissimum Virum D. Ioannem Gonsalium Usquetam, & Valdesium, ex ordine Iacobeo inclytum Heroem, Compluti, Typis Antonii Duplastre. Anno M. DC. XXXIII.*

do jesuíta Juan de Mariana (Toledo, 1592; trad. castelhana, 1601), algo que o sevilhano Nicolás Antonio (1617-1684) já assinalara no primeiro tomo da sua *Biblioteca Hispana Nova* (Roma, ex Officina Nicolai Angeli Tinassi, 1672)<sup>19</sup>. No respectivo *Iudicium*, datado de 1 de Fevereiro de 1633, o cronista régio Tomás Tamayo de Vargas confirma parte destes dados, mas também nada lhes acrescenta de substancial<sup>20</sup>. O mesmo se passa quer com a censura feita pelo doutor Juan González Martínez (ou Martín)<sup>21</sup>, quer com a licença do licenciado Fernando de Ballesteros y Saavedra (ambas de 19 de Agosto de 1632)<sup>22</sup>, pelo que há que voltar a recorrer a Nicolás Antonio para descobrir uma referência alusiva à terceira anacefaleose latina do mestre de Alcalá: «*Anacephaleosim de Rebus Indicis, quem librum adservabat Matriti, dum vivert, D. Petrus de la Escalera Guevara I. C. & in Curiâ defensor causarum, loco suo a nobis laudandus*»<sup>23</sup>.

Esta indicação sobre um sumário das coisas das Índias escrito por Sánchez que tinha estado na posse do advogado madrilenho Escalera Guevara é retomada por Andrés González de Barcia (1673-1743) na segunda edição do *Epitome de la Bibliotheca Oriental, y Occidental, Nautica y Geografica* de Antonio de León Pinelo, pela qual foi responsável (Madrid, Oficina de Francisco Martinez Abad, 1737)<sup>24</sup>. Outro tanto vem a suceder na segunda edição da *Bibliotheca Hispana Nova* de Nicolás Antonio (Madrid, apud Joachimun de Ibarra Typographum Regium, 1788)<sup>25</sup>. Quanto à anacefaleose da *Peregrinacão*, tanto quanto conseguimos averiguar refere-a apenas Miguel de la Portilla y Esquivel, no volume I da sua *Historia de la Ciudad de Compluto, vulgarmente, Alcalá de Santiuste y aora de Henares* (Alcalá, Joseph Espartosa,

<sup>19</sup> Nicolás ANTONIO, *Bibliotheca Hispana sive Hispanorum, qui vsqvam vnqvamve sive Latinâ sive populari sive aliâ quâvis linguâ scripto...*, t. I, Roma, ex Officina Nicolai Angeli Tinassi, 1672, p. 37.

<sup>20</sup> Ver «*Iudicium D. Thomæ Tamaio de Vargas Historiographi, & in Supremo Ordinum & Consilio Ministri Regij*», in Alfonso SÁNCHEZ, *De Rebus Hispaniæ Anacephalæosis...*, p. 4 [s/n].

<sup>21</sup> Ver «*Censura D. Ioannis Gonsalii Martinij Primarij Theologi Complutensis*», in *id.*, *ibid.*, p. 3 [s/n].

<sup>22</sup> Ver «*[Licencia del] Licenciado don Fernando de Vallesteros y Saavedra Maestro escuela de la Santa Iglesia desta villa de Alcalá de Henares, y Vicario General de la Audiencia y Corte Arçobispal della y de todo el arçobispado de Toledo por su Alteza*», in *id.*, *ibid.*, p. 3 [s/n].

<sup>23</sup> Nicolás ANTONIO, *Bibliotheca...*, t. I, cit. p. 37.

<sup>24</sup> Antonio de LEÓN PINELO e Andrés GONZÁLEZ DE BARCIA, *Epitome de la Bibliotheca Oriental, y Occidental, Nautica, y Geografica de Don Antonio Leon Pinelo, del Consejo de su Mag. en la Casa de la Contratacion de Sevilla, y Coronista Mayor de las Indias; Añadido, y enmendado nuevamente, en que se contienen los escritores de geografia de todos los reynos, y señorios del mundo*, t. I, Madrid, Oficina de Francisco Martinez Abad, 1737, cols. 594-595.

<sup>25</sup> Nicolás ANTONIO, *Bibliotheca Hispana Nova sive Hispanorum Scriptorum qui ab anno MD. Ad MDCCXXXIV Floruere Notitia. Auctore D. Nicolao Antonio Hispalensi I.C. Ordinis S. Iacobi equite, patriæ Ecclesiæ canonico, Religiorum negotiorum in Urbe & Romana curia procuratore generali, consiliario Regio. Nunc primum prodit Recognita Emendata Auctor ab ipso auctore*, t. I, Madrid, apud Joachimun de Ibarra Typographum Regium, 1788, p. 47.

1725)<sup>26</sup>. Vale dizer que, além do antes mencionado jesuíta Alonso Sánchez, que teorizou a «guerra justa» contra a China, há sobretudo três nomes que dão por vezes azo a que se baralhe o que é próprio do doutor Sánchez: o jesuíta Alfonso Sánchez de Alcázar (1603-1667), autor de uma *Oracion laudatoria a los Santos y venerables memorias que celebra el... Colegio Mayor de San Ildefonso* (Alcalá, 1650)<sup>27</sup>; o licenciado Alonso Sánchez de la Ballestra, pseudónimo de padre Frómista de San Agustín e autor do *Diccionario de Vocablos castellanos, aplicados a la propriedad [sic] latina, en el qual se declara gran copia de Refranes vulgares reducidos a Latinos: y muchas phrases Castellanas, com las que en Latin les corresponden* (Salamanca, 1587)<sup>28</sup>; e até o escritor setecentista homónimo, que publicou uma *Cathedra de desengaños medicos sobre la ciencia humana en la filosofia moral* (Madrid, 1727) e um *Despertador medico, con su botica de pobres* (Madrid, 1729)<sup>29</sup>.

Pesquisando um pouco para lá das evidências dos títulos, encontramos diversos sinais avulsos, mas não menos elucidativos, sobre o perfil do nosso compendiador. Alguns deles surgem por via do *octasticón* que Alfonso Sánchez escreve em homenagem à obra do jurisconsulto e escritor Alfonso Carranza nas páginas iniciais de *Disputatio de vera naturalis et legitimi partus de signatione Omnibus utilis iurisprudntibus necessari* (Madrid, ab Officina Francisci Martinez, 1628)<sup>30</sup>. Também encontramos o seu nome entre os vários autores de poemas latinos inscritos em, pelo menos, uma das edições de *De Indicarum Iure, sive de iusta Indiarum occidentalium gubernatione* do conselheiro régio Juan de Solórzano Pereyra (Madrid, Ex Typographia Francisci Martinez, 1639)<sup>31</sup> – ao lado de Frei Pablo de Granada e de Francisco

<sup>26</sup> Miguel de PORTILLA Y ESQUIVEL, *Historia de la Ciudad de Complvto, vylgarmente, Alcala de Santivste y aora de Henares*, vol. I, Alcalá, por Joseph Espartosa, 1725, p. 207. Ver F. M. ROGERS, «The Manuscript»..., pp. 149-151.

<sup>27</sup> Ver A. PALAU Y DULCET, *Manual del Libroero...*, t. XIX, p. 278, ref. 264673.

<sup>28</sup> Ver entrada «Alonso Sánchez de la Ballestra», in *Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana*, t. LIII, Bilbao, Espasa-Calpe, 1926, p. 1220; Francisco VINDEL, *Manual Gráfico-Descriptivo del Bibliófilo Hispano-Americano (1475-1850)*, t. IX, Madrid, F. Vindel, 1931, p. 49, ref. 2758; J. ENTRAMBASAGUAS, *Estudios...*, t. I, p. 569, n. 183; Cayetano ROSELL, «Catálogo de los autores citados en el Laurel de Apolo», in LOPE DE VEGA, *Colección escogida de obras no dramaticas – Biblioteca de Autores Españoles*, t. XXXVIII, Madrid, Ediciones Atlas, 1950, p. 537; A. PALAU Y DULCET, *Manual del Libroero...*, t. XIX, p. 283, ref. 294780.

<sup>29</sup> Ver A. PALAU Y DULCET, *ibid.*, t. XIX, pp. 245-246, refs. 294035 e 294036; *The National Union Catalogue Pre-1956 Imprints*, vol. 518, Washington, Mansell Publishing/The American Library Association, 1977, p. 312.

<sup>30</sup> Ver Justa MORENO GARBAYO, *La Imprenta en Madrid (1626-1650) – Materiales para su estudio e inventario*, vol. I, Madrid, Editorial Arco/Libros, 1999, p. 268, ref. 370. Cf. A. PALAU Y DULCET, *Manual del Libroero...*, t. III, 1950, p. 187, ref. 44941.

<sup>31</sup> Juan de SOLÓRZANO PEREYRA, *De Indicarvm Iure, sive de iusta Indiarvm Occidentalivm Gubernatione, Tomus Alter. Qvinque libris distinctvs, in quibus omnia, quae ad servitia personalia, Tributa, Decimas, & Commendas Indorum spectant, exactissimè pertractantur...*, Madrid, Ex Typographia Francisci Martinez, 1639; ref. in A. PALAU Y DULCET, *Manual del Libroero...*, t. XXI, 1969, p. 489, ref. 318975; J. MORENO GARBAYO, *La Imprenta...*, vol. 1, pp. 740-741, ref. 2044. Cf. F. VINDEL, *Manual Gráfico...*, t. IX, pp. 182-183, refs. 2884-2885; A. PALAU Y DULCET, *Manual del Libroero...*, t. XXI, pp. 489-491, refs. 318974-318987.

de Quevedo, um dos expoentes do emergente patriotismo espanhol<sup>32</sup>. Pouco antes, Juan Pérez de Montalbán, poeta dramático, novelista e primeiro biógrafo de Lope de Vega, solicitara a Sánchez outra poesia latina, a qual aparecerá entre os muitos sonetos, elegias, canções líricas, décimas e epigramas que Montalbán colocou a abrir a *Fama posthuma en la vida y mverte del doctor frey Lope Felix de Vega Carpio* (Madrid, Imp. del Reyno, 1636)<sup>33</sup>.

Um dos convocados para este livro foi o licenciado Pedro de la Escalera Guevara, que vimos ter sido dono de um exemplar da *Anacephaleosim de Rebus Indicis* de Alfonso Sánchez, e que aí assina um soneto que começa assim: «Cisne sagrado; a cuya docta pluma...»<sup>34</sup>. Mas será o próprio Lope de Vega a dar-nos uns dos sinais mais expressivos do juízo que os contemporâneos formulavam a respeito de Sánchez. Fê-lo por intermédio do soneto que expressamente lhe dedicou no *Laurel de Apolo*, longo discurso-inventário publicado pela primeira vez em Madrid, em 1630, onde buscou celebrar «tantos, y tan ilustres ingenios como produce España»<sup>35</sup>. O pretexto mais imediato para a composição desta obra tinha sido a homenagem prestada pela Academia de Madrid, em Abril de 1628, à memória de Vicente Espinel, o autor da novela picaresca *Relaciones de la vida del Escudero Marcos de Obregón* (Madrid, 1616)<sup>36</sup>. Cervantes, com *Viage del Parnaso* (Madrid, 1614), apurara o modelo que reencontramos nesta evocação de cerca de trezentos artistas que Lope, às vezes não sem boa dose de ironia, avaliou serem representativos da cultura espanhola do tempo<sup>37</sup>. Na quarta das dez silvas em que se divide o texto, vem assim o referido louvor do doutor Sánchez:

«[...] *Felice edad pasada*  
*Que honrabas los científicos varones,*  
*¿Cuándo sera que premies y repares*  
*La gloria de tus hijos, sacro Henares?*  
*En la lengua sagrada*  
*Mira tambien la Musa celebrada*

<sup>32</sup> Ver, *inter alia*, Manuel PEÑA, «España entre la realidad y la apariencia», in Ricardo GARCÍA CÁRCCEL (COORD.), *Historia de España siglos XVI y XVII – La España de los Austrias*, Madrid, Cátedra, 2003, pp. 313-315.

<sup>33</sup> Juan PÉREZ DE MONTALBÁN, *Fama posthuma en la vida y mverte del doctor frey Lope Felix de Vega Carpio. Y elogios panegíricos a la inmortalidad de sv nombre. Escritos por los mas esclarecidos ingenios. Solicitados por el Doctor...*, Madrid, Imp. del Reyno, 1636, fol. 50r. Ver José SIMÓN DÍAZ, *Impresos del Siglo XVII – Bibliografía selectiva por materias de 3.500 ediciones príncipes en lengua castellana*, Madrid, C.S.I.C., 1972, pp. 513-518.

<sup>34</sup> Juan PÉREZ DE MONTALBÁN, *Fama posthuma...*, cit. fol. 87v.

<sup>35</sup> LOPE DE VEGA, *Laurel de Apolo*, Londres, Leclere y Compañía, 1824, «Prologo», cit. p. VI.

<sup>36</sup> Ver José Luis ABELLÁN, *Historia Crítica del Pensamiento Español*, vol. 3, 2.<sup>a</sup> ed., Madrid, Espasa-Calpe, 1988, pp. 151-152; Antonio FERNÁNDEZ LUZÓN, «El legado cultural», in R. GARCÍA CÁRCCEL (COORD.), *Historia de España...*, p. 547.

<sup>37</sup> Ver Carlos VOSSLER, *Lope de Vega y su tiempo*, 2.<sup>a</sup> ed., Madrid, Revista de Occidente, 1940, pp. 139-145; Bruce W. WARDROPPER, «Temas y problemas del Barroco español», in F. RICO (dir.), *Historia Crítica...*, vol. 3, p. 25; Juan Manuel ROZAS, «Lope de Vega: poesías y prosas», in *id.*, *ibid.*, p. 128.

*De Alonso Sanchez, cuyo ingenio incluye  
Entre otras ciencias tal destreza en verso  
Que de David el harpa sustituye,  
Sonora por el ambito universo,  
En dorado metal, en marmol terso,  
Fabricale coluna en tu rivera,  
Que a los siglos refiera  
Las alabanzas que mi amor oculta,  
Tales, que siendo amor las dificulta»<sup>38</sup>.*

Se outros motivos não houvesse, percebe-se que Lope de Vega assim se expressasse porque cerca de doze anos antes coubera a Alfonso Sánchez escrever um denso libelo em defesa da figura e da obra do «Fénix de los Ingenios». Dessa vez, a causa próxima fora uma violenta diatribe que visara sobretudo Lope, editada em Alcalá de Henares ou em Madrid, em 1617, com o provocatório título de *Spongia* (*spongea*, do grego *σπογγία*, latinizado; esponja). O seu autor, arvorado em guardião do latim e escondido sob pseudónimo anagramático de *Trepus Ruitanus Lamira*, veio a saber-se ser um tal Pedro de Torres Rámila, *profesor repetidor* de Gramática na Universidade de Alcalá desde 1616 e que também poetou em castelhano e latim versos que hoje ninguém repete.

Ainda que não se possa inferir qualquer ligação definitiva entre uma coisa e outra, sempre deve notar-se que a *Spongia* é impressa num momento em que Lope de Vega, então no auge da sua glória, se encontra no centro dessa épica guerra barroca que colocará de um lado da barricada todos aqueles que, a começar por ele mesmo, pugnavam por um estilo claro e simples, e, do outro, Luis de Góngora e os demais defensores de um estilo de extrema artificialidade<sup>39</sup>. Agora, mais importante que tudo parece ter sido o facto do preceptista aristotélico Torres Rámila ser um íntimo de Cristóbal Suárez de Figueroa, personagem pelo menos tão conhecida como arbitrista e autor da miscelânea autobiográfica dialogada *El Passagero. Advertencias utilissimas a la vida humana* (Madrid, 1617) como pelo ódio antigo que destilava em relação a Lope<sup>40</sup>. E também o era de Juan Pablo Mártir Rizo, panegirista de Filipe II, cantor da grandeza hispânica no anti-maquiviélico *Norte de príncipes* (Madrid, 1626), futuro tradutor da *Poética* de Aristóteles (ms. 1623) e cujo sonante nome chegara a surgir, não se sabe ao certo se de *motu proprio* se à revelia, no cabeçalho de alguns exemplares da *Spongia* em vez do anagrama cobarde de Torres Rámila<sup>41</sup>.

<sup>38</sup> LOPE DE VEGA, *Laurel...*, Silva IV, cit. p. 84.

<sup>39</sup> Ver J. ENTRAMBASAGUAS, *Estudios...*, t. I, p. 263, n. 75; J. L. ABELLÁN, *Historia Crítica...*, vol. 3, pp. 538-539.

<sup>40</sup> Ver, *inter alia*, Antonio VILANOVA, «Preceptistas de los siglos XVI y XVII», in Guillermo DÍAZ-PLAJA (dir.), *Historia General de las Literaturas Hispánicas*, vol. 3, Barcelona, Editorial Barna, 1953, pp. 672-679.

<sup>41</sup> Ver J. ENTRAMBASAGUAS, *Estudios...*, t. I, pp. 205-344; J. L. ABELLÁN, *Historia Crítica...*, vol. 3, pp. 101 e 217-219; Eugenio ASCENSIO, «Tramoya contra poesía. Lope atacado y triunfante

Depois de, como se julga, terem corrido a recolher e a destruir todos os exemplares desta sátira que encontraram, Lope de Vega e seus amigos prepararam um contra-panfleto que veio a intitular-se *Expostulatio Spongiae a Petro Turriano Ramila Pro Lupo a Vega Carpio*<sup>42</sup>. Editado por duas vezes em 1618, em Madrid, mas disfarçado de impresso de origem francesa, tal resposta teve por principal mentor o indefectível «lopista» Francisco López de Aguilar<sup>43</sup>. É a seguir aos competentes *Elogia* a Lope, a um primeiro texto de desagravo escrito a várias mãos, a uma colecção de louvores poéticos e a um relato intitulado *Oneiropaegnion, sive iocus* – «sonho jocoso, ou jogo» – que aparece um *Appendix ad Expostulationem Spongiae* assinado pelo mestre Alfonso Sánchez<sup>44</sup>. «Pomposo ditirambo», como o classificou Marcelino Menéndez Pelayo<sup>45</sup>, aí Sánchez expôs com manifesta erudição e autoridade dialéctica a tese de que a liberdade criativa de Lope de Vega não apenas estava conforme ao conceito de arte e às raízes que esta deveria sempre ter fincadas na natureza, como resultava numa obra superior à de todos os poetas antigos e onde brilhavam comédias melhores que todas as de Menandro e Aristófanes<sup>46</sup>. Se há compreensível proximidade entre esta apologia e a teoria dramática que Lope expôs no *Arte nuevo de hacer comedias en este tiempo* (Madrid, 1609), também acontece que as proposições de Sánchez sobre o «Monstruo de la Naturaleza» valem por si, constituindo uma peça de crítica estética que transpira originalidade<sup>47</sup>.

«La mayor cosa que los hombres hacen unos por otros es la defensa, y así, la mayor obligación que tienen es a quien los defiende», escreverá pouco depois Lope de Vega a Alfonso Sánchez, na ocasião em que, tendo presente o amigo das horas difíceis, lhe dedica a sua comédia *El Desconfiado* (in

---

(1617-1622)», in Antonio SÁNCHEZ ROMERALO (ed.), *Lope de Vega: el teatro I*, Madrid, Taurus, 1989, pp. 229-247; Ricardo GARCÍA CÁRCCEL, *Las Culturas del Siglo de Oro*, Madrid, Historia 16, 1999, pp. 70-71, 73, 89 e 167; Ricardo GARCÍA CÁRCCEL, «El perfil del rey», in R. GARCÍA CÁRCCEL (coord.), *Historia de España...*, p. 127; Manuel PEÑA, «La búsqueda de la paz y el remedio general», in *id.*, *ibid.*, p. 248; M. PEÑA, «España entre la realidad...», p. 315.

<sup>42</sup> *Expostulatio Spongiae a Petro Turriano Ramila Pro Lupo a Vega Carpio, poetarum hispaniae principe. Auctore Julio Columbario B. M.D.L.P. Item. Oneiropaegnion, et Varia Illustrium virinum poemata. In laudem eivsdem Lupi a Vega. V.C. Tricassibus Sumptibus Petri Chevillot Anno M.D.C.VIII.*

<sup>43</sup> J. ENTRAMBASAGUAS, *Estudios...*, t. I, pp. 417-580.

<sup>44</sup> Alfonso SÁNCHEZ, «Appendix ad Expostulationem Spongiae», in *Expostulatio Spongiae...*, fols. XXVr.[s/n.]-XXXIIv.[s/n.].

<sup>45</sup> Marcelino MENÉNDEZ PELAYO, *Obras Completas – Historia de las Ideas Estéticas en España*, vol. 2, Santander, Aldus, 1940, cit. p. 308.

<sup>46</sup> Ver Alfonso SÁNCHEZ, «Appendix ad Expostulationem Spongiae», trad. castelhana parcial in M. MENÉNDEZ PELAYO, *Obras Completas...*, vol. 2, pp. 305-307.

<sup>47</sup> Ver J. ENTRAMBASAGUAS, *Estudios...*, t. I, pp. 569-571; M. MENÉNDEZ PELAYO, *Obras Completas...*, vol. 2, pp. 302-305; Marc VITSE e Frédéric SERRALTA, «El Teatro del Siglo XVII», in José María Díez BOSQUE (dir.), *Historia del Teatro en España*, t. I, Madrid, Taurus, 1990, pp. 493-494; Ramón VALDÉS, «Poéticas de los siglos XVI y XVII», in Ricardo GULLÓN (dir.), *Diccionario de Literatura Española e Hispanoamericana*, t. 2, Madrid, Alianza Editorial/Sociedad Quinto Centenario, 1993, p. 1306.

*Trezena parte de las Comedias de Lope de Vega Carpio*, Madrid, viuda de Alonso Martín, 1620)<sup>48</sup>. Ainda que já não conseguimos extrair daí grandes novidades biográficas, registre-se o seguinte epigrama, que Lope então escolheu apresentar como havendo sido composto por «un aficionado de sus grandes partes, letras y virtudes»:

«La lengua hebrea, griega y la latina,  
por su elegancia, competir quisieron,  
como Venus, y Juno, y la divina  
Palas, y al Paris de las letras fueron,  
y aunque la hebrea pareció más digna,  
en Sánchez, tan recíprocas se vieron,  
que, como las tres Gracias, se abrazaron  
Y a vivir en su lengua se quedaron»<sup>49</sup>.

### Entre «orientalistas»

No ensaio que antes citámos, Menéndez y Pelayo acaba a definir o doutor Alfonso Sánchez como «orientalista complutense», percebendo-se que o classificava assim tão-só em atenção às suas glosadas competências linguísticas. Simplesmente, um dos aspectos também revelados pela sonora polémica literária que estala com a publicação da *Spongia* é a coincidência entre Sánchez e um conjunto de intelectuais que partilham um interesse comum pelos temas da presença ibérica na Ásia Oriental. Na esteira de um remoto estudo de Juan Millé y Giménez<sup>50</sup>, Francis Rogers ainda tocou ao de leve nesse sentido específico das relações cruzadas que se detectam entre o próprio Sánchez, Lope de Vega (1562-1635), Tomás Tamayo de Vargas (1588-1641), Antonio de León Pinelo (c. 1590-1660) e Francisco de Herrera Maldonado (finais séc. XVI-m. depois 1645), por via de quem chegamos a Fernão Mendes Pinto e à sua *Peregrinação*. A isto agregou a ideia de que a tal núcleo fundamental de relações talvez se sobrepusesse a célebre linha de fractura que deixou de um lado os interesses luso-jesuítas na China e no Japão e, do outro, as ambições hispano-mendicantes pela mesma área do mundo<sup>51</sup>. Ainda que esta última sugestão acarrete demasiados problemas, desde logo porque dá ênfase a uma irrecuperável divergência de fundo que não é assumida em pleno por nenhum destes escritores, há nela pistas que não devem

<sup>48</sup> LOPE DE VEGA, *El Desconfiado. Comedia famosa de Lope de Vega Carpio. Dirigida al Maestro Alonso Sánchez, catedrático de Prima de Hebreo en la insigne Universidad de Alcalá*, in *Obras de Lope de Vega. Publicadas por la Real Academia Española*, t. IV, Madrid, Tip. de la Revista de Arch., Bibl. y Museos, 1917, cit. p. 477. Ver J. ENTRAMBASAGUAS, *Estudios...*, t. I, pp. 572-578.

<sup>49</sup> LOPE DE VEGA, *El Desconfiado...*, cit. p. 478.

<sup>50</sup> JUAN MILLÉ Y GIMÉNEZ, «Apuntes para una bibliografía de las obras no dramáticas atribuidas a Lope de Vega», *Revue Hispanique*, Paris, vol. LXXIV, n.º 166 (1928), pp. 345-572.

<sup>51</sup> Ver F. M. ROGERS, «The Manuscript»..., pp. 149-150.

de todo ser desligadas das provas que temos sobre os contactos havidos entre essa mesma plêiade de representantes do Século de Ouro ibérico.

Tentando não perder de vista o que possa ser essencial para compreender a nebulosa génese da *Anacephalaeosis* composta pelo doutor Sánchez a partir da versão castelhana da *Peregrinação*, o primeiro nome que se nos impõe é ainda o de alguém aparentemente deslocado do círculo de amizades literárias que acabámos de circunscrever. Pensamos no padre Juan de Mariana (1536-1624), sobre cuja *História de Espanha* Alfonso Sánchez exercitou o seu saber de latinista e os seus dons de síntese, no início da década de 1630. Com os sete livros e centro e trinta e nove capítulos que compõem o respectivo sumário, Sánchez impôs-se como um dos poucos representantes da historiografia latina espanhola pós-Mariana. Se exceptuarmos as duas *Bibliotecas* de Nicolás Antonio, além dele apenas cumpre esse requisito o padre José Manuel Miñana (ou Miniana). Enquanto Sánchez foi o compendiador, Miñana surgiu como o continuador da obra de Mariana, concretizando-o no título *Historiæ de rebus Hispaniæ. Libri triginta. Accedunt Fr. Josephi Emmanuelis Minianæ, Valentini, ... continuationis novæ. Libri decem cum iconibus regum* (Haia, apud Petrum de Hondt, 1733)<sup>52</sup>.

Pela mesma altura em que Lope de Vega era fustigado no texto da *Spongia*, o padre Mariana recebeu da parte de Pedro de Torres Rámila uma das muitas críticas que teve de suportar em vida por via da história que publicara. Ficou famoso o desagravo do historiador jesuíta feito por Tamayo de Vargas<sup>53</sup>. A polémica que, por via disso, Tamayo manteve com Pedro Mantuano, prosseguiu-a com Torres Rámila, vindo a ser, não por acaso, um dos principais mentores da *Expostulatio Spongiæ*<sup>54</sup>. Mas também Lope saiu em defesa de Mariana, conforme se depreende da leitura da primeira obra que editou depois da república das letras ter sido sacudida por aquela pujante demonstração de sectarismo classicista. Trata-se do livro *Triunfo de la Fee en los Reynos del Japon, por los años de 1614 y 1615*, publicado em Madrid, no início de Fevereiro de 1618, e que inclui um prólogo do autor «Al Tibio Libio Christiano, Luz de la Historia de España, el P. D. Juan de Mariana, de la Compañia de Jesus»<sup>55</sup>.

<sup>52</sup> Ver Pedro BLANCO TRÍAS, *Historiógrafos Jesuitas: siglos XVI-XVII*, Valência, Editorial Torres, 1947, p. 55; A. PALAU Y DULCET, *Manual del Librero...*, t. VIII, 1954-1955, p. 196, ref. 151666; *id.*, *ibid.*, t. IX, 1956, p. 331, ref. 171237; José SIMÓN DÍAZ, *Jesuitas de los siglos XVI y XVII: escritos localizados*, Madrid, Universidad Pontificia de Salamanca/Fundación Universitaria Española, 1975, p. 168, ref. 710.

<sup>53</sup> Tomás TAMAYO DE VARGAS, *Historia General de España del P. Don Iuan de Mariana defendida por el Doctor Don Thomas Tamaio de Vargas contra las Advertencias de Pedro Mantuano*, Toledo, Diego Rodríguez, 1616. Ver Benito SÁNCHEZ ALONSO, *Historia de la Historiografía Española. Ensayo de un examen de conjunto*, vol. 2, Madrid, C.S.I.C., 1944, pp. 236-238; A. PALAU Y DULCET, *Manual del Librero...*, t. XXII, 1970, pp. 412-413, ref. 237108.

<sup>54</sup> Ver J. ENTRAMBASAGUAS, *Estudios...*, t. I, p. 340 e p. 352, n. 11; BLANCO TRÍAS, *Historiógrafos...*, p. 54.

<sup>55</sup> LOPE DE VEGA, *Triunfo de la Fee en los Reynos del Japon*, edited by J. S. Cummins, Londres, Tamesis Books, 1965, cit. p. 7.

Prosa muito particular no conjunto da produção de Lope de Vega, para a qual o autor reivindicou o estatuto de história sacra, o *Triunfo de la Fee* trata o tema das perseguições anti-cristãs que aconteciam no Japão. Ainda que aproveitando escritos tão diversos como as *Relationi Universali* de Giovanni Botero (ed. castelhana, Valhadolid, 1603), os *Dialogos* de D. Frei Amador Arrais (2.<sup>a</sup> ed., Coimbra, 1604) ou a *Officina* de Ravisius Textor (ed. Paris, 1532)<sup>56</sup>, teve sobretudo por base a cópia de uma carta enviada de Nagasáqui, a 28 de Março de 1615, pelo missionário dominicano Jacinto Orfanel ao padre Baltasar Fort. Tal cópia, transitada pela via das Filipinas, terá chegado às mãos de Lope por intermédio do seu amigo Pedro Fernández de Navarrete, capelão e secretário real, consultor da Inquisição, tradutor de Séneca e autor de um importante livro sobre o tema da decadência histórica espanhola no século XVII que foi *Conservación de monarquías y discursos políticos sobre la gran consulta que el Consejo hizo a don Felipe Tercero* (Madrid, 1626)<sup>57</sup>. No essencial, Lope de Vega agiu aqui como porta-voz da propaganda das Missões dominicanas em terras japonesas, tendo contribuído para uma linha editorial que tentou quebrar a hegemonia jesuíta e que cedo produziu as duas obras de síntese que foram a *Historia eclesiastica de los sucesos de la Christiandad del Iapon* de Orfanel (Madrid, 1633) e a *Historia de la Provincia del Sancto Rosario de la Orden de Predicadores en Philippinas, Iapon, y China* de Diego Aduarte (Manila, 1640)<sup>58</sup>.

Enquanto Lope editava o seu *Triunfo*, os dominicanos espanhóis divulgavam nas Filipinas, com idênticos propósitos, a *Relación del martyrio del V. P. Fr. Alfonso de Navarrete, dominico, y de su compañero el B. P. F. Hernando de San Joseph, de la Orden de S. Agustin, en Iapon* de Frei Domingo González (Manila, 1618)<sup>59</sup>. O respectivo assunto – a desconcertante auto-imolação de Navarrete e do agostinho Hernando de Ayala – está na origem de outra encomenda dos dominicanos estacionados no arquipélago nipónico, neste caso de uma peça que levaria o título *Los primeros mártires del Japón* e que durante muito tempo andou atribuída a Lope de Vega. Em Madrid, o receptor dos materiais a que depois o autor anónimo se encarregou de dar forma literária voltou a ser o influente Pedro Fernández de Navarrete, o que, somado a todas as demais coincidências que se notam com o *Triunfo de la Fee*, ajudou a induzir o duradouro equívoco<sup>60</sup>. Coincidências e equívocos do

<sup>56</sup> James S. CUMMINS, «Introduction», in LOPE DE VEGA, *Triunfo de la Fee...*, p. XI. Cf. J. VODOZ, *Le Théâtre Latin de Ravisius Textor, 1470-1524*, Winterthur, Imprimerie Ziegler, 1898, pp. 21-22.57

J. L. ABELLÁN, *Historia Crítica...*, vol. 3, pp. 303-304 e 307-308.

<sup>58</sup> Ver J. ENTRAMBASAGUAS, *Estudios...*, t. I, pp. 391-403; J. S. CUMMINS, «Introduction»..., pp. XX-XXXIX; J. M. ROZAS, «Lope de Vega»..., pp. 129 e 132.

<sup>59</sup> Ver Donald F. LACH e Edwin J. VAN KLEY, *Asia in the Making of Europe*, vol. 3, t. I, Chicago, University of Chicago Press, 1993, pp. 332-333.

<sup>60</sup> Ver J. S. CUMMINS, «Appendix I – *Los primeros martires del Japón*», in LOPE DE VEGA, *Triunfo de la Fee...*, pp. 91-100.

mesmo género repetiram-se a propósito da *comedia* seiscentista espanhola intitulada *Fernan Mendez Pinto / Comedia Famosa en dos partes*, que também surgiu atribuída a Lope de Vega, mas que foi obra do dramaturgo Antonio Enríquez Gómez<sup>61</sup>. Escrita por volta de 1640 e publicada como literatura de cordel, como tantos outros textos dramáticos da época, consiste numa transmodalização do excerto da viagem da China que fazia parte da narrativa de Mendes Pinto<sup>62</sup>.

Bastaria recordar as invectivas que o ascético padre Mariana lançou na obra *De spectaculis* (Colónia, 1609) contra o deleite como produto estético ou o que acrescentou sobre o teatro como fonte de ociosidade e corrupção de costumes<sup>63</sup> para ter presente que as relações de sociabilidade reveladas por citações, elogios ou referências mútuas podem responder por graus muitos diferentes de intimidade<sup>64</sup>. Naturalmente, esta evidência sobre os diferentes níveis de contacto que ocorrem no interior dos grupos e sobre o seu carácter tantas vezes fragmentário não é contraditória com o facto de um livro como a *História de Espanha* de Mariana ter sido fonte directa para várias obras em que Lope abordou temas pátrios, v.g. *El testimonio vengado*, *El Príncipe despeñado*, *La varona Castellana* ou esse elogio do absolutismo monárquico que representa *El mejor alcalde el Rey*<sup>65</sup>. Em qualquer caso, poucas ou nenhuma dúvida subsistirão quanto à especial proximidade que Lope de Vega teve com o erudito Tomás Tamayo de Vargas nesse círculo literário onde, por acréscimo, vimos dizendo que se revelaram múltiplas convergências de interesses sobre assuntos orientais.

Além de defensor de Mariana e de Lope contra as críticas da *Spongia*, como se viu, Tamayo de Vargas recolhe provas da amizade do «Fénix» em múltiplos encómios que este dispersou pelas suas obras, dos versos insertos na epopeia heróica *Jerusalén conquistada* (1609) ou no poema mitológico

<sup>61</sup> Antonio ENRÍQUEZ GÓMEZ, *Fernan Mendez Pinto, Comedia famosa en dos Partes*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1974. Ver Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana. Historica, Critica, e Cronologica...*, ed. facsimilada da ed. de 1741-1759, vol. 1, Coimbra, Atlântida Editora, 1965, p. 297; A. PALAU Y DULCET, *Manual del Librero...*, t. V, 1951, p. 60.

<sup>62</sup> Ver Christine ZURBACH, «*Fernan Mendez Pinto. Comedia famosa en dos partes*. Uma variação temática por Antonio Enríquez Gómez», in M.<sup>a</sup> Alzira SEIXO e C. ZURBACH (org.), *O Discurso Literário da «Peregrinação»*. Aproximações, Lisboa, Edições Cosmos, 1999, pp. 148-165. Na *Fama postvma* (fol. 58r.), Juan Pérez de Montalbán incluiu um soneto de Enríquez Gómez à morte de Lope, o qual parece ser a sua primeira obra conhecida – Ver Teresa de SANTOS, «Introducción», in Antonio ENRÍQUEZ, *El siglo pitagórico y Vida de don Gregorio Guadaña*, Madrid, Ediciones Cátedra, 1991, p. 27.

<sup>63</sup> Ver Antonio GARCÍA BERRIO, «Los debates sobre la licitud del teatro», in F. RICO (dir.), *Historia Crítica...*, vol. 3, pp. 280-281; R. GARCÍA CÁRCCEL, *Las Culturas...*, p. 48.

<sup>64</sup> Ver, *inter alia*, Diogo Ramada CURTO, «Cultura escrita e práticas de identidade», in Francisco BETHENCOURT e Kirti CHAUDHURI (dir.), *História da Expansão Portuguesa*, vol. 2, Lisboa, Círculo de Leitores, 1998, p. 505.

<sup>65</sup> Ver BLANCO TRÍAS, *Historiógrafos...*, p. 55; Juan Manuel ROZAS, «La obra dramática de Lope de Vega», in F. RICO (dir.), *Historia Crítica...*, vol. 3, pp. 304-305.

desdobrado em contra-ataque a Torres Rámila que foi *La Filomena* (1621) à dedicatória da comédia *El cuerdo loco* (in *Parte Catorce de las Comedias de Lope de Vega*, 1620), passando pelas linhas que celebram o «ingenio» de Don Tomás Tamayo no *Laurel de Apolo*<sup>66</sup>. Por seu turno, nos preliminares da *Expostulatio Spongiae* Tamayo de Vargas exalta o génio sem rival de Lope de Vega com um fragmento em prosa emprestado de um seu *libro variorum* que continua por identificar<sup>67</sup>. Tamayo assina ainda uma poesia latina e a décima «De pastor á pastor va...» incluídas na parte preambular da novela *Los pastores de Belén* (1612)<sup>68</sup>, bem como um dos «agradecidos elogios» que Francisco López de Aguilar seleccionou para a abertura do *Laurel* de Lope<sup>69</sup>.

Se já não relevará para aqui a profunda amizade que López de Aguillar e Tamayo de Vargas partilharam com Francisco de Quevedo, por exemplo<sup>70</sup>, o mesmo não se pode dizer das provas que inscrevem o nome de Francisco de Herrera Maldonado no círculo intelectual que tratamos. Encontramo-lo demonstrado no seu *Sanazaro Español* (Madrid, 1621), obra que traz uma dedicatória a Lope de Vega, assinada a 18 de Setembro de 1620. A páginas tantas, o tradutor de *De Partu Virginis* (e de Fernão Mendes Pinto) evoca o Oráculo e Sócrates para dizer; também ele, «del ingenioso don Tomas Tamayo»<sup>71</sup>. E Lope teve com Herrera Maldonado o mesmo tipo de deferência que demonstrou ter com Tamayo e com Alfonso Sánchez, dedicando a «Francisco Generoso» tanto o soneto que abre o *Sanazaro Español*<sup>72</sup> ou a décima integrada na primeira edição de *Luciano Español. Diálogos morales, útiles por sus documentos* (Madrid, 1621)<sup>73</sup>, como o soneto que o homenageado colocou a abrir o seu *Epitome Historial del Reyno de la China* (Madrid, 1620)<sup>74</sup> – obra

<sup>66</sup> LOPE DE VEGA, *Laurel...*, Silva VII, cit. p. 156. Ver J. MILLÉ Y GIMÉNEZ, «Apuntes para una bibliografía»..., p. 389, n.º 73 tripl. e p. 502. n.º 196 tripl.; C. VOSSLER, *Lope de Vega...*, pp. 149-151; J. ENTRAMBASAGUAS, *Estudios...*, t. I, pp. 354-356, n. 11; J. M. ROZAS, «Lope de Vega»..., pp. 130-131.

<sup>67</sup> Ver J. ENTRAMBASAGUAS, *Estudios...*, t. I, p. 419, n. 2 e p. 449.

<sup>68</sup> Ver J. SIMÓN DÍAZ, *Impresos...*, p. 567, ref. 2043.

<sup>69</sup> «Don Tomas Tamayo de Vargas, Coronista [sic] de Su Majestad, ex libro variorum», in LOPE DE VEGA, *Laurel...*, cit. p. XI.

<sup>70</sup> Ver J. ENTRAMBASAGUAS, *Estudios...*, t. I, p. 255, n. 66; Henry ETTINGHAUSEN, Karl A. BLÜER e José M.ª BALCELLS, «El neostoico», in F. RICO (dir.), *Historia Crítica...*, vol. 3, p. 558; Henry ETTINGHAUSEN, «La dualidad de Quevedo», in F. RICO (dir.), *Historia Crítica...*, vol. 3/1, p. 323.

<sup>71</sup> Jacopo SANNAZARO/Francisco de HERRERA MALDONADO, *Sanazaro Español. Los Tres Libros del Parto de la Virgen nuestra Señora. Traducción castellana de verso heroyco Latino. Por el Licenciado Don Francisco de Herrera Maldonado...*, Madrid, Fernando Correa de Montenegro, 1621, lib. III, cit. fol. 58v. Cf. J. ENTRAMBASAGUAS, *Estudios...*, t. I, p. 353, n. 11.

<sup>72</sup> «Soneto de Lope de Vega Carpio, al Licenciado Don Francisco de Herrera Maldonado», in Jacopo SANNAZARO/Francisco de HERRERA MALDONADO, *Sanazaro Español...*, fols. 1r.-1v. [s/n.]

<sup>73</sup> Ver J. MILLÉ Y GIMÉNEZ, «Apuntes para una bibliografía»..., p. 391, n.º 78; Marcelino MENÉNDEZ PELAYO, *Biblioteca de traductores españoles*, vol. 2, Madrid, C.S.I.C., 1952, pp. 218-222; Teresa CIRILLO, «Note sulla traduzione spagnola della Peregrinação di Fernão Mendes Pinto», *Annali. Sezione Romanza*, Nápoles, vol. XIX, n.º 2 (1977), p. 411, n. 13.

<sup>74</sup> «Soneto de Lope de Vega Carpio. Al Licenciado Don Francisco de Herrera Maldonado, y a du Epitome Historial», in Francisco de HERRERA MALDONADO, *Epitome Historial del Reyno de la China. Muerte de su Reyna, madre de este Rey que oy viue, que sucedió a treinta de Março*,

que, como é sabido, recolhe da *Peregrinação* muitos dos elementos do inventário geo-antropológico que apresenta<sup>75</sup>.

Para concluirmos o nosso circuito, repare-se que Lope de Vega e Tamayo de Vargas assinaram as duas aprovações que constam do *Epítome de la Biblioteca Oriental i Occidental, Nautica, y Geographica* do polígrafo Antonio de León Pinelo (Madrid, 1629)<sup>76</sup>. No caso de Lope de Vega, o acto censório perde a certa altura o tom burocrático e assume a qualidade própria dos elogios, facto a que talvez não seja estranha a opção de Pinelo em incluir no seu *Epítome* algumas das composições dramáticas de Lope lado a lado com todas as obras de cunho geográfico e histórico que lhe dão nome<sup>77</sup>. De Tamayo de Vargas recebeu León Pinelo uma prova de generosidade de valor acrescido, já que sabemos que a sua listagem bibliográfica teve por base a *Iunta de libros, la mayor que España ha visto en su lengua*, manuscrito de 1624 que Tamayo prescindiu de editar porque entretanto o «comunicò à nuestro Autor, en sus primeros borradores»<sup>78</sup>.

Mais: também sabemos que os inovadores catálogos de Tamayo de Vargas e de León Pinelo tiveram na Península Ibérica apenas quatro precedentes conhecidos – e todos eles de claro pendor oriental. O primeiro foi o catálogo que o monge beneditino Antonio de San Román de Ribadeneira inseriu em complemento da sua *Historia General da la Yndia Oriental* (Valhadolid, Luis Sánchez, 1603), com 20 entradas referentes aos «autores que han ayudado para el discurso desta Historia». O segundo, a listagem bibliográfica que o conselheiro régio Melchior Estácio do Amaral incluiu no seu *Tratado das Batalhas, e Svcessos do Galeão Sanctiago* (Lisboa, Antonio Alvares, 1604), com 36 entradas respeitantes aos «autores que escreveram das cousas da nauegação, & conquista, & pregação do Sagrado Euangelho pellos Portugueses, nas Indias Orientaes, China, & Iapão». O terceiro, o catálogo de autores que Francisco de Herrera Maldonado acrescentou à sua tradução da *Peregrina-*

---

*del Año de mil y seiscientos y diez y siete. Sacrificios y Cerimonias de su Entierro. Con la Descripción de aquel Imperio. Y la Introduccion en el de nuestra Santa Fè Catolica...*, Madrid, por Andres de Parra, 1621 [1620], fol. VIIv. [s/n.]. Ver J. MILLÉ Y GIMÉNEZ, «Apuntes para una bibliografía»..., p. 397, n.º 86.

<sup>75</sup> Ver Francisco Roque de OLIVEIRA, *A construção do conhecimento europeu sobre a China, c. 1500 – c. 1630. Impressos e manuscritos que revelaram o mundo chinês à Europa culta*, Barcelona, Universitat Autònoma de Barcelona, 2003, pp. 1344-1348 <<http://www.tdx.cesca.es/TDX.1222103-16016/>>

<sup>76</sup> Antonio de LEÓN PINELO, *Epítome de la Biblioteca Oriental i Occidental, Nautica i Geographica...*, Madrid, por Juan Gonzalez, 1629, fols. \*2v.-\*3r. e \*4r.

<sup>77</sup> Ver F. M. ROGERS, «The Manuscript»..., pp. 149-150; D. R. CURTO, «Cultura escrita»..., p. 505.

<sup>78</sup> Juan RODRÍGUEZ DE LEÓN, «Discurso Apologetico a la Biblioteca del Licenciado Antonio de Leon, su Hermano», in Antonio de LEÓN PINELO e Andrés GONZÁLEZ DE BARCIA, *Epítome...*, cit. fol. 3r. [s/n.]. Ver José SIMÓN DÍAZ, *Bibliografía de la Literatura Hispanica*, t. II, Madrid, C.S.I.C., 1951, pp. 39-40, refs. 132-133; Francis M. ROGERS, *Europe Informed – An Exhibition of Early Books Which Acquainted Europe With the East*, Cambridge, Massachusetts, Harvard College Library, 1966, pp. 6-8.

*naçam*, com 71 entradas alusivas «a los autores que han escrito de las Indias Orientales, Iapon, y China, y sus situaciones, nauegacion, y conquistas». Enfim, o quarto corresponde às 80 entradas do «Catalogo de los Autores que se citan» no *Epitome Historial del Reyno de la China*, do mesmo Herrera Maldonado<sup>79</sup>.

Como atrás referimos, será necessário recorrer à segunda edição do *Epitome* de León Pinelo para descortinarmos uma referência a um dos três compêndios legados pelo doutor Alfonso Sánchez. No entanto, isso é já marginal para ajudar à percepção do ambiente literário em que se terá gerado a ideia e o propósito do resumo latino da obra de Fernão Mendes Pinto. Apesar de tudo o que ainda está por esclarecer, muito provavelmente foi por efeito desta comprovada familiaridade com o meio onde se cruzavam o cónego Herrera Maldonado, o cronista Tamayo de Vargas e o grande Lope de Vega que Sánchez afinou o interesse pelo Oriente que ecoa na sua ainda inédita anacefaleose da *Peregrinação*.

## Apêndice

### **Índice do manuscrito seiscentista: Doctoris Alfonsi Sanctij. Historiæ Orientalis Anacephalæosis Ex Peregrinationib' Ferdinandi Mendez Pinti, Orientis incognita multa. Complectens.**

Revelamos aqui o índice do desaparecido manuscrito «Doctoris – Alfonsi Sanctij – Historiæ Orientalis – Anacephalæosis – Ex Peregrinationib' Ferdinandi Mendez – Pinti, Orientis incognita multa – Complectens», tal qual consta da cópia moderna incompleta guardada no Arxiu Històric Companyia de Jesús Catalunya, em Barcelona (cota: Ms. E.I, a.-2). Conforme explicámos, trata-se de um original escrito pelo doutor Alfonso Sánchez a partir da tradução castelhana da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, da autoria de Francisco de Herrera Maldonado e editada com o título *Historia Oriental de las Peregrinaciones de Fernan Mendez Pinto* (1.<sup>a</sup> ed. Madrid, 1620). No estado actual das pesquisas, não se detectou nenhum elemento que permita datar com rigor esta recapitulação. Por acréscimo, a semelhança entre as três primeiras edições da tradução de Herrera Maldonado (as duas de 1620 e a de 1627/1628) faz com que seja virtualmente impossível demonstrar a qual delas recorreu o latinista para produzir a sua recapitulação. Em qualquer caso, deve referir-se que não se lê nenhuma referência a este trabalho nas páginas introdutórias ou no texto da anacefaleose da *História de Espanha* do padre Juan de Mariana que Alfonso Sánchez editou em Alcalá de Henares, em 1634.

<sup>79</sup> Ver F. M. ROGERS, *Europe Informed...*, pp. 3-8; F. R. OLIVEIRA, *A construção...*, pp. 935 e 939-941.

## ÍNDICE E CORRESPONDÊNCIAS DO MANUSCRITO DO SÉC. XVII

*Doctoris Alfonsi Sanctij. Historiæ Orientalis Anacephalæosis Ex Peregrinationib' Ferdinandi Mendez Pinti, Orientis incognita multa. Complectens*

(Archivum Historicum Societatis Iesu Cataloniae, Barcelona; cota: Ms. E.I, a.-2)

<b>Caps. do ms. latino original</b>	<b>Títulos dos capítulos do ms. latino original</b> A sombreado, capítulos transcritos nas cópias modernas AHSIC (Barcelona) e ARSI (Roma)	<b>Paginação do ms. latino original</b>	<b>Correspondência aproximada caps. ed. 1614</b> <i>Peregrinaçam</i>
	Præmium.	1-A	
Cap. 1	Ferdinandi Mendez Pinti Patria, mores, et studia.	1-R	Cap. 1
Cap. 2	Ferdinandus Mendez nauigat in Indiam.	2-R	Caps. 2-3
Cap. 3	Ferdinandus Mendez inuissit matrem Imperatoris Abasie.	3-R	Cap. 4
Cap. 4	Ferdinandi nauigatio ab Arquicu.	4-R	Cap. 5
Cap. 5	Reliqua huius captiuitatis.	5-R	Cap. 6
Cap. 6	Fedinandus Mendez remigrat ad Indiam.	6-R	Caps. 7-8
Cap. 7	Gonsaluis Vaes Coutinus honoris Reginam Conuenit.	7-R	Caps. 9-12
Cap. 9	Petrus Faria Malacæ Legatum Regis Battensis audit.	9-A	Cap. 13
Cap. 10	Legatus Ferdinandus Mendez ad Regem Battarum mittitur.	10-A	Caps. 14-15
Cap. 11	De Bello Battensi.	11-R	Caps. 16-18
Cap. 12	Ferdinandus Mendez in Regno quedaa.	13-A	Cap. 19
Cap. 13	Cætera huius peregrinationis.	14-A	Cap. 20
Cap. 14	Legatio Regis Aarum ad Petrum Fariam Gubernatorem.	15-A	Cap. 21
Cap. 15	Ferdinandus Mendez in Aarum.	16-A	Caps. 22-23
Cap. 16	Reliqua huius infelicis Legationis.	17-A	Caps. 24-25
Cap. 17	Bellum Achense contra Regem Aarum.	18-R	Caps. 26-27
Cap. 18	Regina Vidua Malacham Venit.	20-A	Caps. 28-30
Cap. 19	Regum Achen, et Biantanæ bellum.	22-A	Caps. 31-32
Cap. 20	Nauigatio Ferdinandi Mendez ad Regnum Paon.	23-A	Caps. 33-34
Cap. 21	Ferdinandi Mendez Pinto noua pericula.	25-A	Cap. 35
Cap. 22	Reliqua huius infelicis euentus.	26-R	Caps. 36-38
Cap. 24	Antonius Faria nauigat in Piratam Coxa Aasem.	27-A	Caps. 39-40
Cap. 25	Nauigatio Antonij Fariæ ad Tinacooreu.	28-A	Cap. 41
Cap. 26	Cuiusdam Senis historiam Antonius Fariæ audit.	29-A	Caps. 42-44
Cap. 27	Narratio de rebus insulæ Ainam.	30-R	Caps. 45-47
Cap. 28	Quæ contingerunt in portu Mutipinam.	32-R	Caps. 48-49
Cap. 29	Antonius Faria in Ainam insula.	34-A	Caps. 50-51
Cap. 30	Reliqua gesta Antonij Fariæ ad fluuium Madel.	35-R	Cap. 52
Cap. 31	Naufragium Antonij Fariæ.	36-A	Caps. 53-54
Cap. 32	Antonius Faria nauigat ad Liampoo et Xingrau.	37-A	Caps. 55-58
Cap. 33	Pirata Coijahassem ad Antonio Faria Capitur.	39-R	Caps. 59-60
Cap. 34	Antonius Faria nauigat ad Liampoo.	41-A	Caps. 61-65
Cap. 35	Reliqua gesta Aintonij ad Liampoo.	42-R	Caps. 66-67
Cap. 36	Liampoo civitas Antonium Fariam triumphiritu exirpit.	43-R	Caps. 68-70
Cap. 37	Antonius Faria nauigat ad insulam Catemplui.	45-A	Caps. 71-72
Cap. 38	Antonij Fariæ reliquæ ad Catempluij actiones.	46-R	Caps. 73-74
Cap. 39	Insulæ Catemplui descriptio.	48-A	Caps. 75-77
Cap. 40	Antonius Faria ad insula Catemplui ab nauigat et naufragium patitur.	50-A	Caps. 78-79
Cap. 41	Ferdinandi Mendez cæterorumque Labores et miserie inauditæ.	51-A	Caps. 80-81
Cap. 42	Euentus varij quatordecim Sociorum a Sileijgacan.	53-A	Caps. 82-83
Cap. 43	Ferdinandi Mendez et Socij tanquam vagi et otiosi comprehenduntur.	55-A	Caps. 84-87
Cap. 44	Ferdinandus Mendez Pinto cum Socijs nauigat ad Pequim.	57-A	Caps. 88-89
Cap. 45	Reliqua huius nauigationis et mira.	60-R	Caps. 90-91
Cap. 46	De origine Sinarum Imperij.	62-A	Caps. 92-94
Cap. 47	De Muro quo Sinæ diuiduntur a Tartaris.	63-R	Cap. 95

Cap. 48	De Christiano quodam in Sina historia.	64-R	Cap. 96
Cap. 49	Alia mira huius nauigationis.	65-R	Caps. 97-99
Cap. 50	Ferdinandus Mendez et Sicij in Pequim.	67-A	Caps. 100-102
Cap. 51	Ferdinandus Mendez cum socijs ad iudices trahuntur.	68-R	Caps. 103-104
Cap. 52	De magnitudine, et maistate ciuitatis Pequim.	70-A	Caps. 105-107
Cap. 53	De quator ædificijs præcipuis in Pequim.	71-R	Caps. 108-111
Cap. 54	Reliqua de ciuitate Pequim.	75-R	Caps. 112-114
Cap. 55	Ferdinandus Mendez cum socijs in quansi.	77-A	Caps. 115-116
Cap. 56	De Bello Tartarico.	78-R	Caps. 117-118
Cap. 57	Astutia Gefo[r]gij Mendez in expugnatione Areis Nixiancoo.	79-R	Caps. 119-121
Cap. 58	Reliquia nostros ad præsentiam Imperatoris Tartari.	80-R	Cap. 122
Cap. 59	Rex Tartarus obsitionem Pequim Soluit.	83-A	Caps. 123-125
Cap. 60	Ferdinandus Mendez cum Socijs Liberi nauigant a Tartaria.	84-R	Caps. 126-128
Cap. 61	Reliqui nostrorum euentus cum Legatis ad Regem Chauchinorum.	86-R	Caps. 129-130
Cap. 62	Rex cauchin devicto euentus triumphat in xuzangee.	88-A	Cap. 131
Cap. 63	Nauigat Ferdinandus Mendez cum Socijs a Cauchin.	88-R	Cap. 132
Cap. 64	Quæ in Tanixumaa cum Nautaquim nostris euenerunt.	89-R	Caps. 133-134
Cap. 65	Ferdinandus Mendez Legatus ad Regem bungi.	91-A	Caps. 135-136
Cap. 66	Ferdinandus Mendez Principem bungi curat, et nauigat.	93-A	Caps. 137-138
Cap. 67	Rex Lequiorum nostros damnat.	95-A	Caps. 139-140
Cap. 68	Rex Lequiorum fœminarum precibus postulta concedit.	96-A	Caps. 141-142
Cap. 69	Nauigatio ad Liampoo, inde que ad alia.	97-R	Caps. 143-147
Cap. 70	Quæ in Martauam nostris contigerunt.	99-R	Cap. 148
Cap. 71	Bellum Bramaense aduersus Martauam.	100-R	Caps. 149-151
Cap. 72	Infelix exitus Regis Martauani.	102-A	Cap. 152
Cap. 73	Noua Fedinandi Mendez pericula.	103-R	Cap. 153
Cap. 74	Nouum Bellum Bramaanum periculosum.	104-R	Caps. 154-155
Cap. 75	Bramaa Rex avaa Principem vincit.	105-R	Caps. 156-157
Cap. 76	Quæ in hac nauigatione vidimus mira.	106-R	Cap. 158
Cap. 77	De cultoribus eremi tinagoo goo mira.	108-R	Cap. 159
Cap. 78	Reliqua huius perigrinæ Legationis.	110-A	Cap. 160
Cap. 79	Cætera huius Legationis Mira.	111-R	Caps. 161-163
Cap. 80	Nostris Legati Calaminarum coram Legationis exposito, et alia mira.	113-R	Cap. 164
Cap. 81	Imperij Calaminarum, et Regni Pegu et Bramaa relatio.	116-A	Cap. 165
Cap. 82	Nauigatio Legati cum nouem Lusitanis ab oppido Vidor.	117-A	Caps. 166-167
Cap. 83	Nouos Pontifex Roolinus eligitur.	119-R	Caps. 168-169
Cap. 84	Auxilia Regis ad Ciuitatem Sabbatz et alia.	121-A	Caps. 170-171
Cap. 85	Ferdinandi Mendez nauigatio ad Zumdam.	122-R	Cap. 172
Cap. 86	De Bello Parseuanico.	123-A	Caps. 173-178
Cap. 87	Ferdinandi Mendez pericula noua.	125-A	Caps. 179-180
Cap. 88	Ferdinandus Mendez in Siam.	126-A	Caps. 181-183
Cap. 89	De Rebus in Siam gestis post mortem Regis.	127-A	Caps. 184-190
Cap. 90	Reliqua huius belli cum Didaci Suarez historia.	129-R	Caps. 191-192
Cap. 91	Rerum euentus Varij in Siam.	131-A	Caps. 193-199
Cap. 92	Ferdinandi Mendez noua nauigatio.	132-R	Caps. 200-207
Cap. 93	S. P. Franciscus Xavierij nauigat ad Iaponiam.	134-R	Caps. 208-209
Cap. 94	P. Franciscus Xauier in Fuceo.	136-A	Caps. 210-213
Cap. 95	S. P. Xavierij cum Lusitanis ad Sinos nauigatio et miraculum in tempestate Sedanda, et eius mors.	138-R	Caps. 214-215
Cap. 96	Cætera post mortem S. P. Francisci Xauier.	140-R	Caps. 216-218
Cap. 97	Melchior Nunus e' Societate Iesu in Iaponiam.	142-A	Caps. 219-222
Cap. 98	P. Melchior Nunus in Bungo.	143-R	Caps. 223-224
Cap. 99	Colloquium P. Melchioris Nunij cum Rege Bungi.	144-R	Cap. 225
Cap. 100	Ferdinandus Mendez Pinto nauigat Ad Goam, et inde in Hispaniam.	145-R	Cap. 226